



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Diz-se com certa convicção que uma terra deve o seu progresso, a sua limpeza e sobretudo a melhor apresentação às respectivas autarquias. Esta maneira de pensar é quase uma verdade mas não é toda a verdade. É que em nosso entender o tal bem-estar, o aspecto de uma freguesia, a tal limpeza e o desejado «bom ar» resultam igualmente do bom empenhamento dos respectivos munícipes.

É verdade que no caso de Fão existem quatro ou cinco homens de limpeza. Com tanta gente não se entende o motivo por que se vê lixo no chão. A culpa aqui cabe a dois agentes: um deles identifica-se com as pessoas que deitam esse lixo no

O TAL «TOQUE»

chão ou no rio, depois de existirem na terra tantos baldes ou depósitos de lixeira. O resto da culpa cabe aos homens encarregados da limpeza que são tutelados pela autarquia. Já quanto às paredes sujas, às portas partidas e aos muros semi-destruídos, isso é culpa apenas dos respectivos proprietários. Neste domínio verificam-se casos chocantes como nós observamos um dia destes ao alongarmos o nosso passeio à capelinha de Santo António. E por falarmos em Santo António — lugar — não entendemos por que é que a Junta não procura entender-se com os donos dos campos que se estendem entre o cemitério e a capelinha, situada mais a norte, para se alargar os terrenos no espaço acima referido. Não são tantos os proprietários que ao fim e ao cabo só beneficiariam com o alargamento. São poucos e por isso as necessárias conversações apresentam-se a priori facilitadas.

Aquilo no Inverno deve ser um lamaçal fortemente incomodativo.

E já que passamos à porta do ce-

(Continua na pág. 2)

HISTÓRIA DO INUSUAL

No n.º 90 apresentámos uma série de casos que deixaram com certeza os nossos leitores um tanto admirados pelo inusitado da ocorrência de factos descritos. Essa de os reis ou maiores de outrora receberem pessoas importantes enquanto estavam sentados na respectiva sentina não lembra ao diabo. Afinal aquela gente não tinha pudor?

Afinal, o que é o pudor? Concretamente, incisivamente, pudor é um sentimento de incomodidade ou de vergonha perante certas situações. Que situações? Só relacionadas com o sexo? Digamos que não só: também com aspectos mais íntimos do nosso corpo. E só do corpo? Parece-nos que não, pois na etilogia do pudor poderão ocorrer casos que nada têm a haver com a vertente fisiológica do sujeito. A esta nova versão chamamos *pudor dos sentimentos*. Os livros apresentam, como exemplar caso do pudor dos sentimentos, uma situação em que aparece um homem a chorar. Bem, mas aqui ainda estão o corpo ou uma parte do corpo comprometidos. Podemos no entanto arranjar outros enquadramentos que nada têm a ver com o corpo: contar uma anedota «picante» num meio onde se encontrem senhoras. um jogador de futebol pode sentir pudor ao benzer-se quando entra no campo de jogos. e muitos outros casos.

Nós vamos aqui privilegiar o pudor relacionado com as partes íntimas do corpo, mas logo um problema se levanta: o pudor será um sentimento natural, isto é, o ser humano nasce com ele? Ou será um sentimento desenvolvido na sociedade e pela sociedade? Que o mesmo é dizer: terá o pudor sobretudo uma carga social?

Outra questão: será o pudor um sentimento exclusivo da mulher ou será também do homem?

Existe uma corrente que estabelece que o pudor é um sentimento natural da mulher. Vejamos alguns testemunhos desta teoria: o padre La Moyne diz que nada é tão natural na mulher como o pudor. Por sua vez, o nosso velho conhecido Rousseau, autor do Contrato Social, iluminista, filósofo do século XVIII, «preparador» da Revolução Francesa afina pelo mesmo diapasão: a mulher sem pudor, é depravada.

Deixemos estes testemunhos machistas (ou feministas?) e vamo-nos deter sobre um que nos vai encher a boca de espanto. É de Plínio que diz: «O corpo feminino quando morre, flutua de cabeça, para baixo ao passo que o homem vira-se de costas». Em boa verdade nunca reparamos nisso, ou antes, nunca vimos um cadáver a flutuar. O leitor já viu?

(Continua na pág. 12)

A PROPÓSITO DE UM VOTO

Teve o dr. Neiva a amabilidade de nos enviar, em nome do pelouro da cultura, o texto apresentado na Assembleia Municipal onde o PSD pedia um voto de louvor para o actual Presidente da Câmara Alberto Figueiredo. O signatário da carta esperava que déssemos ao texto o tratamento que entendéssemos, sabendo que não cairíamos numa adjectivação positiva se a pessoa em questão não o merecesse, nem numa predicação negativa, se a nossa capacidade crítica, que está para além da emolduração sentimental, se apercebesse do contrário.

Posto o preâmbulo, vamos ao deâmbulo ou seja, vamos percorrer com olhos de isenção o texto em apreço. O voto de louvor decorre de uma maneira que não nos parece a mais nobre. Repare-se neste parágrafo: «É gratificante verificarmos com orgulho que felizmente em nosso entender foi quebrado um período de obscurantismo político, inércia

no desenvolvimento, assim como o folclorismo, demagogia, irresponsabilidade, o adiamento de processos, prática esta corrente na gestão e nos processos dos «executivos anteriores».

Quase se não mexe numa única palavra que ela não verta pingos de malquerença. Contra quem? Com certeza contra «os executivos anteriores». Pessoas que já não dispõem do poder e pessoas até que já morreram como é o caso do Eng. Losa. Ofender agora para que serve? Os nossos opositores em política devem merecer-nos respeito pois, ao fim e ao cabo, trabalharam para o bem da terra dentro da sua óptica que pode não coincidir com a nossa, mas que representa trabalho, esforços, canseiras e muitos horas gastas. Foi por assim pensar que, quando em Fão, Luís Viana perdeu o ceptro da Junta, nós sugerimos que os actuais autarcas

(Continua na pág. 2)

A PROPÓSITO DE UM VOTO

(Continuado da pág. 1)

fangueiros lhes promovessem, aos seus comparsas anteriores, um jantar de convivência e de homenagem. Foi recado que deu uvas. Se calhar botaram-se a rir.

Também se acusa os autarcas anteriores de *obscurantismo político*. O que é isso de *obscurantismo político*? Falta de cursos de doutrina política? De sessões de esclarecimento? Em boa verdade não entendemos.

O *adiar de processos* da edilidade precedente, que por sua vez provocou uma *inércia de desenvolvimento*, a quem se ficou devendo? Ficámos convencidos, nós e muita boa gente, que foi a «antiga» oposição quem bloqueou, e de que maneira!..., a gestão e o andamento dos negócios pretéritos. Pois... se até lhes «roubou» um edil...

Mais à frente lê-se esta afirmação: *Esposende está irreconhecível*... Isso é verdade se compararmos o Esposende de agora com Esposende de há 20 anos atrás. Na vigência de Alexandre Losa, Esposende deu o *grande salto*, e esse salto, em nosso entender, verificou-se a partir do momento em que várias fábricas aqui foram introduzidas. Foi o factor económico que se projectou no social e que por sua vez forçou o aparecimento de estruturas adequadas. Alexandre Losa soube fazer a leitura exacta das linhas de força que condicionavam a evolução de Esposende e começou a dotá-la dos trilhos por onde havia de processar-se esse aperfeiçoamento. São da sua lavra as obras de saneamento de Esposende e Fão, a criação da Zona da Paisagem Protegida, a informatização da Câmara Municipal, o levantamento de bairros sociais e dos pescadores, de escolas, campos de jogos, edifícios para os Bombeiros e todo um conjunto de realizações que seria fastidioso aqui enumerar mas que não devem ser esquecidas.

A morte colheu-o em plena safra mas nós não queremos esquecer a frase que o empolgava: «*Eu vou fazer um campo de golf em Fão*». E fazia-o, mesmo navegando em águas adversas.

Com Alberto Figueiredo o ritmo não abrandou mas não é caso de se falar aqui em *take off*. O Presidente e os seus barões são pessoas tenazes tanto a obstruir ou congelar (como foi o caso) como a desenvolver. A listagem enunciada de melhoramentos é intocável. No entanto ouçamos a voz da Oposição:

— «Não se compreende tamanho panegeirismo para quem não fez mais — e, no

nosso ver; fez menos — do que se obrigou a fazer face ao eleitorado.

— Não há dúvidas que foi um homem «providencial» em face da conjuntura das *vacas gordas*, dos fundos comunitários e das verbas do *Jogo* para que outros já haviam contribuído. Falta saber o que restará quando acabar essa conjuntura;

— Além disso não devemos deixar de contabilizar em relação aos benefícios alegados — que para já estão por provar em grande parte — com os custos do desinvestimento da Administração Central quanto a sectores da responsabilidade do Estado no nosso concelho — contrariamente ao que se fez por outros concelhos — no que respeita à Educação, à rede e às estruturas viárias, a que este Executivo, ao fim, tem dado perfeita cobertura ou, na melhor das hipóteses, tem-se mostrado falho de iniciativa e de autonomia. Veja-se os casos do atraso da Escola C + S de Apúlia — um ano de atraso — da Escola Preparatória de Esposende, da ponte sobre o rio Cávado (a nova), da JC 1 (itinerário complementar) e da Estrada Nacional n.º 13, entre outros.

— Por outro lado, quem ouve ou lê o louvor, fica convencido que a equipa do executivo nada conta, porque o seu trabalho se dilui completamente na figura do sr. Presidente da Câmara. Não cremos que assim seja, independentemente da opinião que possamos partilhar acerca dos restantes seis vereadores.

O PSD deve ter motivos especiais para apresentar o voto em apreciação; no entanto parece-nos que só ao fim do mandato de quatro anos, com tempos favoráveis ou não, se poderá avaliar toda a dimensão de uma legislação.

Somos forçados a concluir porém os indicadores apresentados sobejam em positividade.

FORMATURA

Formado pela Faculdade de Economia do Porto, concluiu todos os estágios necessários ao exercício da sua profissão, o Economista Doutor Carlos Manuel Morais Pinheiro da Costa, filho de Manuel Pinheiro da Costa e Maria Alice Fernandes Morais, nossa conterrânea, com residência em Barcelos.

Parabéns e um futuro risonho, na sua vida profissional, já iniciada na Administração duma conceituada Empresa do Porto.

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

mitério, chamou-nos a atenção o estado de abandono do terreno que circunda aquele sub-posto telefónico (é assim que se diz?) que foram colocar no lado norte do cemitério. Não nos referimos ao edifício propriamente dito, mas ao terreno que é pertença do Telecom. Felizmente que a empresa ouviu os nossos protestos (nudos) e mandou limpar a área.

A Alameda está muito bonita, com os canteiros bem ervados. Em compensação, o cabo telefónico que a atravessa e os postes de madeira que os suportam constituem um arremedo que, nem que o seja, não pode continuar ali eternamente com aquele aspecto. Repare-se na colocação de lâmpões que hoje em dia embelezam as noites de Fão e no contraste que eles apresentam com aqueles referidos postes que são mesmo toscos.

Já que estamos à beira, o que é que pensam do velho cachet? vai ficar assim, e se ficar pode ser transmudado para o centro da referida zona? Nós, a propósito, já demos a nossa opinião. Tal como está e com as obras em estilo moderno que foram autorizadas, não vemos combinação possível. Puxá-lo para o centro? Enfim será um mal menor.

Vamos agora até à ponte, ou melhor, até à antiga fábrica do «Fregueira». Como já todos viram, está ali a construir-se o posto náutico. É sem dúvida um melhoramento para a terra. E o terreno que medeia entre a «fábrica» e a estrada nacional vai continuar assim com o aspecto de abandono que apresenta? Sabemos que é terreno particular mas não se poderia incentivar ali a construção de uma cafeteria ou de um restaurante?

Resumo: o progresso de uma terra resulta da intervenção da autarquia até uma certa etapa, mas o resto, o que vai para além das infra-estruturas, cabe quase exclusivamente à iniciativa particular, mas sempre com a superintendência da autarquia à ilharga. O que é isto de superintendência da autarquia à ilharga? Damos um exemplo: a antiga casa que pertenceu à família Nef está a ser totalmente remodelada. Como aconteceu? Segundo nos contam, foram elementos da Junta que contactaram com um industrial de Barcelos e incitaram-no a comprar aqueles dois edifícios já em ruínas para fazer uma habitação condigna como está a acontecer. Ora esta ajuda, este empurrão, esta facilidade proporcionada pela autarquia, o bom relacionamento com gente de «massas» podem encorajar certas iniciativas que jamais se realizariam sem o tal «toque» autárquico. Quer dizer, a Junta de Freguesia pode estar para os investidores assim como Sousa Martins esteve para com os capitalistas que contribuíram para realizar Ofir. Esse bom relacionamento constitui um valor que enriquece as Juntas que o possuem.

CARTA AO DIRECTOR

Porto Alegre, 15-1-1992
Senhor Armando:

Esta tem a finalidade de pedir-lhe para suspender o envio do nosso querido Fangueiro.

Quando meu irmão esteve aí, já faz alguns anos, premiou-me com uma assinatura do mesmo. Perguntei-lhe por quanto tempo? mas ele não se lembra.

(Continua na pág. 4)



DE APÚLIA

BODAS DE PRATA MATRIMONIAIS — Com «Pompa de Circunstância» (e aqui as palavras têm muito de verdade), festejou vinte e cinco anos de casados o casal amigo Manuel Alves de Oliveira (Manuel Rosa), e D. Maria Laura Barros Lopes, do lugar da Igreja.

Todas as cerimónias foram repetidas ao pormenor, com os mesmos padrinhos, a mesma menina das alianças (hoje uma respeitável Professora do Ensino Básico), os mesmos convidados, não todos obviamente, porque em vinte e cinco anos a vida dá muitas voltas. Não foram os mesmos, nem o sacerdote celebrante, nem a Igreja, nem o local da boda.

Desta vez, tudo se realizou nas instalações e Capela da Casa da Legião de Maria, ali junto à Praia de «Cedovem». As faltas dos que não puderam estar, por falecimento ou outras razões, foram compensadas por personalidades, de Braga, de Barcelos, do Porto, e, muito principalmente pelos 6 filhos do casal, um já licenciado e a dar aulas em Braga, e outro universitário na cidade do Porto.

Houve discursos, banquete, «copo d'água», prendas, alegria e muita felicidade, que o fotógrafo registou para mais tarde, no inverno da vida, aviava (ou matar) saudades.

Os nossos desejos que essa felicidade perdura pelos anos fora.

FALECIMENTOS EM JANEIRO/92 — No dia 8, e vítima de grave acidente de viação, faleceu o jovem apulienese, Manuel Ribeiro da Costa Monteiro, nascido em 6 de Novembro de 1965, filho de Manuel Torres da Costa Monteiro e do Olinda Oliveira Ribeiro.

O extinto, emigrante na Suíça, havia casado dias antes com Maria Isabel Serra Fernandes, que, juntamente com a irmã daquele, Beatriz Ribeiro da Costa Monteiro, seguiam na viatura sinistrada, e tiveram de ser hospitalizadas, uma em Barcelos, a outra no Porto.

— Em 15 do mesmo mês, no lugar de Criaz, faleceu a senhora Emília Lopes de Miranda, nascida em 24 de Abril de 1911, filha de José Gonçalves de Miranda e de Adelina Lopes de Miranda.

Era viúva de Luíz Joaquim dos Santos.

— No mesmo dia, mas no lugar da Areia, faleceu a senhora Felismina Fernandes Fradique Ribeiro, solteira, nascida em 12 de Outubro de 1910, filha de Manuel Pires Lopes e de Rosália Ribeiro Cardoso.

— Também no lugar da Areia, no dia 16, faleceu a Senhora Amélia de Faria Martins, nascida em 7 de Outubro de 1905. Era filha de António Martins do Monte e de Adelaide de Faria Machado, a viúva de António Rodrigues Bogas.

Às famílias enlutadas, os nossos pêsames.

OBRAS DE SANEAMENTO BÁSICO — Prosseguem em ritmo um pouco lento, que as dificuldades encontradas na abertura de galguezas, em parte justificam, as obras de saneamento, esse grande melhoramento de que em breve Apúlia vai beneficiar.

Certamente que haverá razões para isso, mas não é fácil compreender os motivos que levaram ao início da obra numa rua, quando se deixou a outra rua por concluir e completamente bloqueada com as mesmas obras.

Por esse motivo, o trânsito em Apúlia, tanto de entrada como de saída, só se faz pela Rua do Fa-

cho, o que está a causar alguns transtornos. Mas isso é o preço do progresso.

FUTEBOL — Os dois últimos resultados da nossa equipa de futebol, empate sem golos com o Fão em casa, e derrota com o Marinhos por 6 - 1, fora, veio agravar um pouco a situação classificativa do nosso representante. Mas não há motivo para alarmes, porque a equipa já mostrou que sabe jogar, e apesar da sua juventude, ou talvez até por isso, retomará em breve a senda dos triunfos, e com eles regressará a tranquilidade desejada para o resto do campeonato.

INFANTÁRIO — Para os primeiros dias do mês de Fevereiro, está anunciada a abertura do Infantário de Apúlia. Pelo que se sabe, são poucas as crianças inscritas para o frequentar, o que se estranha, depois de tantas vozes o haverem reclamado...

ANTIGO PÁROCO DE APÚLIA RECORDADO E HOMENAGEADO — No primeiro aniversário da sua morte, Apúlia recordou e homenageou, o Padre Manuel Alberto Gonçalves da Silva, seu pároco durante trinta e cinco anos. A iniciativa terá partido do actual pároco, Padre Manuel Casado Neiva, que é justo enaltecer, e teve o melhor acolhimento de toda a comunidade.

Houve romagem ao cemitério, onde repousam os seus restos mortais, sessão solene no Salão Paroquial, e o descerramento de um busto do reverendo Manuel Alberto, no adro da Igreja Matriz.

Todas as cerimónias tiveram a presença do Senhor Arcebispo de Braga, do Vigário Geral da Diocese, de muitos Sacerdotes do Arciprestado, do Presidente da Câmara de Esposende, das autoridades locais, e de muito povo.

A obra e a figura do Padre Manuel Alberto foram enaltecidos pelo Padre Casado Neiva, novo Prior de Apúlia, Dr. Franquelim Neiva Soares, Cónego Eduardo Melo, e Dr. Manuel José Lopes de Oliveira.

Fica assim saldada, uma pequena parte da dívida de gratidão da comunidade de Apúlia, contraída durante quase quatro décadas, para com o seu Prior, falecido tão prematuramente no dia 24 de Janeiro de 1991.

DOENTES

— Foi internado de novo na Clipóvoa o nosso assinante Quenor Ribeiro, afectado por doença de foro cardiológico.

— Retido no leito, depois de um breve período de internamento no Hospital, encontra-se o nosso conterrâneo António Peixoto.

Desejamos sensíveis melhoras a estes bons amigos.

PLANO E ORÇAMENTO DA CÂMARA

O plano e Orçamento da Câmara para 1992 atinge dois milhões e setecentos mil contos.

Esta verba é proveniente dos fundos comunitários (970 mil contos), da Zona de Jogo (um milhão e 85 mil), do Governo (228 mil) e de receitas da Câmara (os restantes).

CANTINHO DO ADVOGADO

DEFERIMENTO TÁCITO DE UM PEDIDO DE LICENCIAMENTO DE UMA OBRA

Determinada pessoa apresenta, a uma Câmara Municipal, projecto para a construção de uma moradia, pedindo a sua aprovação e, conseqüentemente, a passagem de licença de construção. Transcorridos alguns meses, não obtém resposta alguma.

O silêncio da Administração face a pretensões formuladas por particulares, é um velho problema, cujo debate se vem arrastando, a nível doutrinário, desde há décadas.

Durante longo tempo, a questão foi vista em termos estritamente contenciosos e apenas à luz da velha máxima segundo a qual, em Direito administrativo, o silêncio significa indeferimento: a Administração é obrigada a pronunciar-se sobre qualquer pedido que lhe seja feito, em matéria de sua competência, dentro de determinado prazo e, não o fazendo, a falta de decisão equivale, para efeitos judiciais, a indeferimento do requerimento apresentado. O que equivale a dizer que teria o particular, como único meio de reagir à inércia da Administração, de recorrer contenciosamente (isto é, para os Tribunais) do «acto tácito» de indeferimento.

Com o decorrer dos tempos, foi-se à conclusão de que, em certos domínios, tendo em atenção os legítimos interesses e expectativas dos particulares, haveria que transmitir um efeito positivo ao silêncio; o deferimento tácito.

Uma das áreas nas quais, em termos de Direito Constituído (com a aprovação do decreto-Lei n.º 66/70, de 15 de Abril), tal princípio foi consagrado, é precisamente a do licenciamento municipal de obras particulares.

Para um pedido de licenciamento de uma construção (v. g. uma moradia unifamiliar), formulado por um particular, tem a Câmara Municipal o prazo de sessenta dias (prazo este que, por despacho fundamentado do Presidente da Câmara, pode ser prorrogado por mais trinta) para se pronunciar definitivamente — e isto, desde que o pedido esteja devidamente instruído, visto que, caso contrário, o referido prazo contar-se-á a partir da data da correcção das deficiências de instrução do processo.

Se a Câmara Municipal nada diz ao particular requerente, isto é, se dentro do referido prazo não for tomada resolução alguma (de cujo teor o particular seja notificado) sobre o requerido, essa omissão interpreta-se, para todos os efeitos, como consentimento.

Deste modo, forma-se um tácito deferimento sobre o pedido apresentado, não sendo já possível decisão ou deliberação posterior em sentido desfavorável.

Verificado que seja o deferimento tácito e desde que se mostrem pagas as taxas devidas pelo licenciamento da obra, não pode a entidade licenciadora recusar a emissão do alvará de licenciamento da construção.

JORGE CAIMOTO
Póvoa de Varzim

ÁFRICA, ADEUS

(Continuado da pág. 12)

ria de te deixar, neste momento. Sê forte, pelo menos na minha presença. Daqui a dias já estares de volta são e salvo. Nada me há-de acontecer. Peço-te que não me acompanhes à porta. Fica aqui com as meninas.

Lá fora esperava-me o velho Fausto. «Veja se podem carregar o Volkswagen na camioneta para arranjar, pois que o carro faz muita falta. Isto se for possível; não se arrisquem demasiado, primeiro esta a vida».

«Sr. Fausto, se alguma coisa me acontecer, peço-lhe que mande a minha família para Portugal. Promete?»

«Oh homem não seja pessimista. Nada lhe há-de acontecer, mas se por acaso acontecesse, eu nunca abandonaria a sua família». Despedi-me do velho Fausto e dirigi-me para a carrinha do Jorge, que estava já ao volante. Em cima, na caixa de carga, o Machado. O Orlando, de pé, junto à cabine. Abri a porta para entrar e olhei uma vez mais para casa onde a luz no meu quarto projectava através das cortinas a silhueta de minha esposa que de pé se encontrava junto à janela. Eu não tinha dúvida de que ela chorava naquele momento.

Rapidamente entrei no carro e disse: «Jorge, arranca com o carro». De Luanda ao Caxito são sessanta kms e durante o trajecto pouco falei. O meu pensamento estava noutro lugar e no meu íntimo existia um conflito: era uma luta entre o amor e o dever. O amor aconselhava-me a partir com a minha família, enquanto que o dever me oprimia, exercendo em mim uma força que eu não sabia explicar.

Decorrida aproximadamente uma hora, chegámos ao Caxito onde se deveria organizar a coluna. Já lá se encontravam alguns carros: o Edmundo Nunes, o António Calado, etc. Isto de Vista Alegre. Também lá se encontravam alguns carros que se destinavam à Aldeia Viçosa.

O Oliva e o Neves ainda não tinham chegado. O dia ia surgindo a passos largos, e eu

interrogava-me: «será que o Oliva nos enganou?» O Neves, eu tinha a certeza que ele não faltava, pois sabia que não era pessoa de fácil intimidação. Os carros conforme iam chegando, iam formando bicha para depois seguirem naquela ordem, até que se vê chegar o Oliva e logo a seguir o Neves.

(Continua no próximo número)

CARTA AO DIRECTOR

(Continuado da pág. 2)

Estava acalentando a esperança de fazê-lo pessoalmente pois vim para cá com 17 anos em 1938. E há uns anos para cá, a vontade de rever a minha terra e a chama do Jornalzinho sempre me estimulando, foi uma constante.

Como não vejo possibilidades para fazê-lo, quero agradecer de coração os dias e anos maravilhosos que me proporcionou.

Também quero cumprimentá-los pelo lindo jornalzinho sobre todos os aspectos principalmente os que escrevem e a Cecília Amorim, que eu muito admiro.

Um grande abraço de uma saudosa Fangureira.
Cremilde.

★

Cara conterrânea:

Mandou-nos uma das cartas mais lindas das que temos recebido ao longo destes quase oito anos que levamos de existência. É bom ouvir tratar «O Novo Fangureiro» pelo «nosso» querido Fangureiro.

Há uma certa dificuldade em enviar dinheiro do Brasil. De qualquer modo, nunca até hoje, cortamos a assinatura do jornal aos fangueiros residentes no Brasil.

Temos, mais do que uma vez, afirmado que «O Novo Fangureiro» é uma instituição da terra. Temos a consciência e a presunção disso. Um dos aportes do nosso jornal é mitigar e aumentar as saudades que os fangueiros nutrem pelo seu torrão natal. Consciencializámo-nos sobre o sentido dessa missão.

Portanto, a cara conterrânea vai continuar a receber o «nosso» jornalzinho e quando vier cá regularizaremos as contas. Se não puder vir, continuará a receber na mesma este pequeno mas simpático embaixador.

SECESSÃO DE OFIR

Disseram-nos que há dias se realizou uma reunião, no Hotel do Pinhal, por iniciativa de Diniz d'Orey Bizarro, a que compareceram vários moradores da zona do pinhal. Disseram-nos que o primeiro objectivo era criar uma comissão de moradores e, à longue, tratar da independência da zona de Ofir.

Bem, agora que estamos numa de separação, veja-se o caso da Jugoslávia (patética completa) e da URSS (pior ainda), os moradores de Ofir (onde estão eles?) tomaram tal resolução. Nós não acreditamos nessa temida emancipação. Porquê e para quê?

Agora que tal iniciativa revela o descontentamento que alguns moradores sazonais sentem pelo esquecimento com que aquela zona tem sido tratada, não haja dúvidas. O pinhal está uma porcaria, os caminhos, idem aspas, o lixo impõe-se como o dado mais relevante daquele local e esta sensação de abandono incomoda e muito os respectivos moradores. Que eles se reúnam para que quem de direito tome as medidas que se impõem, estão no seu pleníssimo direito.

E a ameaçazita de independência é muito bem feita para os garbosos fangueiros, para aqueles descendentes dos heróis de antanho, que engolem sapos vivos perante a audição do nome de Ofir.

★

Realizou-se, no Hotel do Pinhal (Ofir), no passado 8 de Fevereiro, a 2.ª sessão de uma 3.ª Reunião, com a finalidade de constituir os indispensáveis Estatutos da Associação dos Moradores e Proprietários de Ofir (AMPO), que permitirão o seu reconhecimento legal.

Tratou-se, a exemplo do encontro anterior, no mesmo local e em 18 de Janeiro último, de um árduo trabalho para encontrar

(Continua na pág. 7)

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra leuval para o nosso país, feita em melhores condições utilizadas em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade. Enfoque não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de aplicação e locuções estrangeiras.



O Dicionário de Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 365/4089 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3037 COIMBRA CODEX
EMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

PÁGINA JOVEM

PAUSA PARA SORRIR

Olá, jovens! Cumpriu-se o 4.º aniversário desta página, que vive da vossa colaboração amiga e dedicada. É uma página simples, sem pretensões nem dirigismos, mas com o inestimável valor de ser obra vossa. Continuem sempre!

HISTÓRIA DE UM DIA

Por ANA MARQUES

Quantas vezes penso: «Hoje era um dos dias que não deveria ter saído da cama».

O despertador não tocou e quando dei por isso já era tarde.

Bolas!

Segue-se então uma correria: um duche, um copo de leite, escovar os dentes, pôr uma roupa e... olhos para o espelho. Bolas! Nem quero ver! Está tudo mal! E agora já não há tempo. Bem, o melhor é não ligar porque senão, nunca mais saio. Apanho a bolsa e considero-me pronta.

Quando giro a chave na porta, lá vem aquele pensamento matreiro: «que chegue depressa as 6.00 horas para te voltar a abrir».

— A menina está preparada para as oito horas «maravilhosas» de trabalho pela frente? Boa pergunta! Mas não era necessário perguntar. A menina que fez a pergunta, sabia a resposta. A menina era EU e a resposta era NÃO!

O tempo só passa em casa, nos fins de semana e nas férias! No trabalho é uma eternidade.

Respirar fundo e, um, dois, três. Começou!

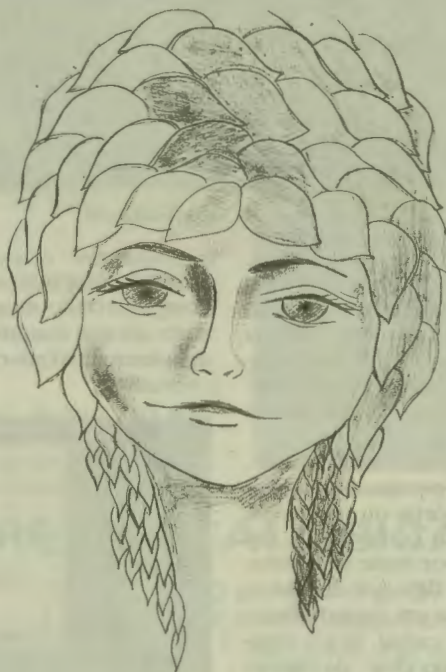
Mal humorada, uma resposta mal dada ou pior, dizer aquilo que não se pensa, enfim um sem número de coisinhas mesquinhas que fazem despejar sobre os outros os nossos problemas. É como se eles tivessem culpa?! Nunca aprendo. E passo a vida inteira a meditar que os outros não têm culpa mas... esqueço-me... às vezes custa tanto! Fica a promessa de para a próxima ser diferente, espero.

Agora fiquei zangada comigo! Não devia ter dito o que disse. Não devia ter feito o que fiz. Estarão zangados comigo?

Lá vem aquela voz interior que nunca me larga: «Nunca mais aprendes!!!». É o cúmulo, era capaz de jurar que ela se estava a rir de mim!

Está bem, eu vou. Não sei se é uma virtude ou um bom defeito mas, estou constantemente a pedir desculpas. Onde está o meu orgulho?

(Continua)



Desenho de ISABEL M.

SOMBRAS DE VIDA

*Dia quente,
Barulho de cidade.
Ao virar de cada esquina
Surge uma mão,
Trêmula, suplicante,
Às vezes suja e enrugada,
E um rosto marcado
Pelas amarguras do tempo.
Tudo vemos,
Mas fingimos nada ver.
Talvez porque a verdade seja essa:
Nada vemos.
Temos a nossa atenção
Concentrada em «grandes causas»,
Como política, economia,
Tecnologia e progresso,
E não atendemos
Ao que é realmente importante.
Pois são esses olhares,
Esses rostos cansados
Que nos espreitam
A todo o momento,
Como fantasmas.
Porque não vivem.*

MARTA (15 anos)

Um indivíduo que já tinha vivido bem, mas a quem a sorte foi adversa, vive com muitas dificuldades, mas nem assim perde o seu bom humor.

Um dia, estando em casa de família amiga, pede para utilizar o telefone. Depois de autorizado, liga para o estabelecimento de um penhorista, onde tinha empenhado grande parte dos seus haveres:

— Está? É o senhor Fulano?

— Sou, sim. Tenha a bondade de dizer.

— responde todo solícito o penhorista, pensando tratar-se de algum futuro cliente.

— Então faz o favor diz-me que horas são? — pergunta o indivíduo.

— Essa agora! Eu não estou aqui para aturar brincadeiras! — riposta o penhorista, vendo fugir-lhe a esperança de um novo freguês.

— Mas não se trata de nenhuma brincadeira. — volve muito calmo o interlocutor — É que o senhor tem aí o meu relógio...

★

Um senhor faz uma compra num estabelecimento e dá para pagar uma nota «grande».

Como a compra era de pouco valor, o comerciante não tem troco:

— Não tenho troco. O senhor, por acaso, não terá trocado?

— Não, não tenho trocos nenhuns.

— Então deixe lá. Paga amanhã. — diz o lojista.

— E se eu morrer hoje? — brinca o cliente.


— Não faz mal, pouco é o prejuízo — diz amavelmente o comerciante.

«AMIZADE — QUANDO»

*Quando?
Talvez um dia...
Será no fim do mundo
No abismo, no fogo
Ou aqui, já na primavera
Que desde ontem à espera
De quem não chega, não vem
P'ra quê? Não sei
Esquecer, tudo bem
Já sofri, já morri p'ra ti
És amigo, já não corro perigo
De me perder por amor
Já não te guardo rancor
És meu amigo
P'ra sempre até ao fim
O mundo não acaba assim
Porque a amizade
É a felicidade
Felicidade que não tem fim.*

P.

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

UMA VACARIA EM FONTEBOA. UM ESPANTO!

Quem franqueia o portão da casa agrícola de Manuel Gonçalves de Fonteboa, do concelho de Esposende, dá-se conta de que algo está mudado ou mudando-se nas quintas de alguns lavradores actuais. Dantes deparávamos, logo no rés-do-chão, com o eido das vacas e dos bois e, por ventura com o cortelho dos porcos; havia ainda uma palafarnália de utensílios de lavoura e de testemunhos da vida campesina tais como enchadas, carros de bois, ancinhos, foices, varapaus com aguilhão, medas de Palhas acamadas em sentido horizontal ou vertical, serras, machados, jugos para animais e um chão ou solão cobertos de palha ou faúlha. Para finalizar: uma galinha «choca» com muitos pintainhos. Isso hoje passa a segundo plano nas quintas modernas.

Com efeito, ao entrarmos, um dia destes, na casa do acima referido proprietário, vimos, ainda cá fora, mas já dentro do muro circundante, um silo aí de uns três metros de altura. «Contem breche, farinha a granel, destinada às vacas», elucidou-nos o dono da casa.

De facto Manuel Gonçalves deixou de ser o chamado lavrador clássico: gado, apenas o suficiente para o amanhã das terras, algumas vacas leiteiras e sobretudo o trabalho desenvolvido nos campos como nos tempos do neolítico. Ele, a esposa e um cunhado criaram uma vacaria moderna com aparelhagem automática e computadorizada.

Além do silo já referido, deparámos, nos baixos da casa, com um tanque onde vinham dar vários tubos. «Trazem o leite da sala de ordenha», revelou-nos Manuel Gonçalves. Na verdade, a sala da recolha do leite estava quase pegada: Contém quatro grandes cilindros de vidro, cada um com dois sistemas de tubo. Os debaixo que terminam na forma de quatro dedos de luva abertos e que por sua vez se moldam às tetas da vaca. Por sucção o leite é trazido para os tais vidrões de onde saem outros tubos que vão dar ao tan-



O que chama uma lavoura mecanizada

que que vimos à entrada. Tudo automático e tudo entubado. Em frente a esta pequena salinha encontra-se um pequeno eido onde vivem em compartimentos separados 9 crias, os chamados vitelos.

Para lá desta «antecâmara», estende-se um espaço, rectangular com três divisórias ou «naves». A do lado direito compreende um longo curral por onde se acomodam algumas dezenas de vacas. Elas espojam-se em cima do feno. Paralelo a este curral, fica o espaço do meio cujo chão, de cimento, sem cobertura, está repleto de frinças. Por elas e com o auxílio de mangueiradas de água escorre a bosta dos animais que cai numa espécie de túnel subterrâneo, o qual termina num grande tanque. Daqui é retirado aquilo a que os lavradores chamam xerume que é um composto de água e bosta e serve para fertilizar os campos. Um adubo natural.

A ala esquerda funciona como arrecadação e é corrida por uma valeta onde é lançada erva que os animais comem no intervalo das «refeições». Num pequeno gabinete ou escritório deparámos com um aparelho (sub-sistema) que é uma peça importante, digamos que a sede ou «à mãe» de todo o

sistema computadorizado. Sistema computadorizado num eido de vacas!... O que é aquilo que os animais trazem ao pescoço? Será um chocalho?



Um casal de lavradores todo pré-frentex e Américo Saraiva que nos levantou a lebre

Diz-nos o proprietário:

— É um sensor, um recolhedor de dados que por sua vez são transmitidos e memorizados à «central» que vimos ali naquela salinha e que são muito importantes: nós sabemos se o animal tem febre, se come pouco, se come muito, se está com saúde ou não. A cada uma vaca corresponde um número no tal aparelho, número esse que recebe os tais dados e que ajuda a identificar os bovinos. Isto permite-nos em resumo saber quanto rende cada vaca em face do que come e do leite que produz».

— Afinal o que come cada vaca?

— Elas tem três refeições ao dia de farinha e é isso que fica contabilizado.

Depois comem erva que sai dos campos quando lhes dá o apetite. Essa erva é de borla.

— Como lhe surgiu a ideia de ter uma vacaria computadorizada?

— Eu e o meu cunhado já possuíamos uma vacaria normal. Es-

tivemos atentos ao que diziam os jornais e ao que falava a televisão e assim decidimo-nos. Fizemos, eu, esse meu cunhado e minha mulher uma sociedade onde investimos alguns milhares de contos na aparelhagem que acabámos de ver. E no gado também.

— Que vantagem obteve com esta modernização?

— Sobretudo conseguimos controlar os gastos e a receita de cada animal.

— As vacas só dão leite?

— Bem, elas são sobretudo para dar leite. Mas também dão carne quando ficam velhas e nós as vendemos, e ainda dão vitelos que o Snr. viu ali.

— As vacas nunca saem daqui?

— Nunca.

— Então como é que elas tem crias? Não tem que «ir ao boi»?

— Não, neste caso é o boi que vem às vacas. Expliquemos melhor. Há um senhor que vem cá e quando elas estão com cio faz a

exemina. Mais tarde, o veterinário do concelho, dr. José Armando, explicou-nos que em certos períodos o tal senhor introduz sêmen animal, proveniente da América, no ovário das vacas. É a inseminação artificial a que algumas pessoas chamam *insemina* por comodidade e outras, por corruptela, dizem *exemina*. De resto estas duas últimas palavras estão muito próximas.

Pobres vacas! Não tendo o prazer de pastar nos campos, também lhes é vedada a companhia dum macho... Afinal há virgens que dão à luz...

— Depois de uma vaca parir, quando é que recomeçam a fazer-lhe a ordenha?

Responde-nos agora a Maria Carmina sua esposa:

— Passados quatro dias.

— As vacas são portuguesas?

De novo o marido:

— Não, são todas da Alemanha.

— Porquê?

— Dão mais leite. Uma vaca alemã pode dar 45 litros de leite



As vacas de vez em quando vem ao lado de cá



O tanque para onde segue o leite das vacas

por dia, ao passo que as portuguesas costumam dar 6, 10, 20 e até podem ir aos 25, mas não mais do que isso.

— Quantas vacas pode criar aqui?

— Setenta, mas dificilmente posso ter mais. O xerume (bosta) é bastante e isso causa-nos dores de cabeça. Mesmo distribuindo-a pelos vizinhos para os seus campos, é difícil o escoamento.

— Há outros vacarias na terra?
— Nem na terra nem no concelho.

O veterinário informou-nos que até Aveiro não há outra vacaria como esta.

— Por quanto ficou cada vaca?
— À razão de 240 contos cada uma.

— A venda do leite está sempre assegurada?

— Uma carrinha da Agros vem

aqui, dia sim dia não, e leva-o todo.

— Portanto, mercado assegurado?

— É verdade.

— Tem tudo automatizado aqui?

— Sim. Até os trabalhos nos campos fazemos com a ajuda de um tractor.

Lavramos, semeamos e ceifamos tudo mecanicamente. Somos apenas três pessoas

e realizamos todas as tarefas.

— E dantes?

— Eram precisos doze.

— Há quanto tempo tem esta vacaria?

— Fez três anos em Agosto.

— Ao fim e ao cabo quanto rende cada vaca?

— Nós ainda não fizemos as contas, mas a gente não anda aqui para aquecer...

— Manhoso (não o dissemos mas pensámo-lo).



VEJA A SUA ÁRVORE GENEALÓGICA PEREIRA

Nome de raízes toponímicas, foi tirado do da quinta e couto desta designação, sendo a família que o adoptou por apelido derivada de uma linhagem de remotos e nobres origens. O ramo primogénito dos Pereiras deu a casa dos senhores e condes da Feira, enquanto o secundogénito, com duas bastardias, deu o Condestável D. Nuno Álvares Pereira pelo que o seu sangue veio a misturar-se com o de todas as famílias europeias. As armas dos Pereiras são: de vermelho uma cruz de prata, florenciada e vazia. Timbre: a cruz do escudo, entre um voo de ouro.

★

Em relação ao apelido «Saraiva», o sempre atento Oscar Fanguero enviou-nos um suplemento ao que havíamos escrito no último número.

Em 1428 passaram a Portugal António Saraiva e Vicente Fernandes Saraiva que se estabeleceram na vila de Trancoso. Foram acompanhar sua irmã, dama da rainha D. Leonor, esposa de D. Duarte.

O solar desta família é nas montanhas da vila de Saraiva. Vizcaya em Portugal é família com brasão de armas.

Consta das «Genealogias manuscritas da Biblioteca da Ajuda». Os Saraivas também foram conhecidos por Saravias.

As referidas genealogias encontram-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

(Ver: 21 E. 10 p. 49; F.4 p. 277; F.14 f; F. 44 f. 367; F.46 f.; Mesa Cens. Geneal, maço 4 n.º 331; Livro. Ms. n.º 1652 f. 297 v.) e (21. F. 15, f. 413).

Constam também os seguintes: Saraivas, Alferes mores da Guarda; Saraivas, de Manteigas; Saraivas do Morgado de Treches; Saraivas, de Trancoso; Saraivas e Maldonados; Saraivas Sampaios, de Coimbra.

Consta também, nas Notícias de Portugal, de Manuel Severim de Faria, Lisboa, 1655.

AURORA

Acordou o dia cheio de esperanças
Com clarins de melros pelos salgueirais,
Com risadas puras, gritos de crianças
E pelos telhados, ralhos de pardais.

Uma luz bendita vem do firmamento,
Pois do céu a porta já abriu alguém,
Chegam logo aromas no corcel do vento
E canções da gente que trabalha além.

As abelhas louras passam para as lidas,
Borboletas noivas vão dançando aos pares,
Gritam as papoilas nos trigais garridas,
Vão compondo as toucas todos os pomares.

Correm as crianças através da aldeia,
Trazem nos seus olhos esperança infinda...
Suas faces lembram uma luz cheia
Espalhando bênçãos sobre a terra linda.

O ribeiro canta numa pedra lisa,
Tendo um baldaquino de algodão celeste,
E saudam folham quando passa a brisa
A singela rosa que de azul se veste.

Muito ao longe as ondas desse mar incerto
Vão deixando rendas sobre a areia fina,
E a corola pura dum jasmim aberto
A candura lembra da mansão divina.

Mas o mais formoso desta aurora bela
É um berço fofo numa moradia,
Onde um bebé dorme filho da donzela
Que sorri ao lado cheia de alegria.

DINIS DE VILARELHO

SECESSÃO DE OFIR

(Continuado da pág. 4)

para encontrar consenso entre os presentes, acerca de uma proposta elaborada pelo Dr. Diniz D'Orey.

Seguir-se-á uma 3.ª sessão, que se espera a última com a mesma finalidade, desta vez no Hotel Ofir, pelas 18.00 horas do dia 13 de Fevereiro, voltando a reunir-se nesse Hotel, no dia 22 seguinte, sábado, às 15.00 horas, mas já em Reunião Plenária, da qual se esperam ver aprovados na especialidade os ditos Estatutos. De notar que este documento já foi anteriormente aceite na globalidade, conforme consta das actas.

Apesar desta futura Associação se destinar a defender a «qualidade de vida» no «denominado Pinhal de Ofir — freguesia de Fão», conforme nos foi informado, surpreende-nos que Aníbal Soares, considerado até aqui um dos principais mentores deste movimento, afirme não se encontrar disponível para ocupar qualquer cargo nos futuros Corpos Directivos, como, aliás, já o disse publicamente nas Reuniões anteriores.

FALECIMENTO

Ultimamente faleceu em Fão João Barcelista (João Senhorinha). Andava um tanto adoentado e os seus padecimentos agravaram-se nos últimos dias. Estava na casa dos sessentas e... Esta zona etária começa a ser desbastada. É a lei da vida.

O João pertenceu aos quadros da JOC e nos seus tempos jovens era um dos escolhidos para o teatro que o sr. Prior Nogueira realizava no salão da catequese. Numa altura em que adoeceu, chegamos a ser o seu «duplo» numa brincadeira realizada no referido local.

Paz à sua alma.

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

CAMPEONATO DA 1.ª DIVISÃO REGIONAL DA A. F. DE BRAGA

Últimos resultados: Fão, 4 - Aveleda, 1; Maximinense, 0 - Fão, 1; Apúlia, 0 - Fão, 0; Fão, 3 - Realense, 3.

O jogo Fão - Aveleda foi realizado em Adaúfe (Braga) por motivo da interdição do campo do C. F. de Fão.

Dois jogos realizados em campo neutro, uma derrota e uma vitória, castigo cumprido.

Esperamos que não volte a acontecer, para bem do Clube, e se assim for não teremos o azar de encontrar pela frente outro árbitro daquela categoria...

Não foi com a chicotada psicológica que a coisa melhorou, visto que o segundo treinador, em quatro jogos apenas, conseguiu um ponto, e por esse motivo renunciou ao cargo. Foi com rechicotada! Pois a Direcção ao voltar a convidar o primeiro foi muito feliz já que os bons resultados apareceram para satisfação de todos.

Pela nossa parte, além do regozijo pelo que a equipa fez nos últimos jogos, também sentimos o mesmo pelo regresso de José Manuel Vassalo ao comando da mesma.

Sempre dissemos, apesar dos resultados negativos, jornada após jornada, que os adversários que íamos defrontando não eram superiores no futebol praticado. Mas como íamos sofrendo golos de certa maneira incríveis, a frustração e o desânimo, foi-se apoderando de todos e aquilo de que ninguém esperava ia acontecendo com a equipa a baixar ao último lugar da classificação. O mal, dizia-se, estava na defesa, mas neste momento os defesas são os mesmos, jogadores muito razoáveis que melhoraram a sua for-

ma, acertaram o passo e os resultados estão à vista. No último jogo voltou-se aos primeiros tempos, e assim iam estragando tudo pois num jogo com grandes possibilidades de se obter uma vitória perdeu-se um ponto que pode vir a fazer muita falta. Se estamos a criticar um pouco a actuação da mesma, também não deixamos de o fazer quanto à equipa técnica, mas não vamos agora deixarmo-nos levar novamente pelo desânimo depois da recuperação que a equipa fez. Há que ajudar com todas as forças e para isso é preciso que as pessoas vão mais ao futebol, pois que no último jogo a assistência era muito pouca e, se tivermos em conta que há cerca de dois meses não se jogava no nosso campo, era de esperar mais dos sócios e simpatizantes.

Sem o intuito de melindrar ninguém, queremos salientar o regresso do avançado Manuel Carlos, um emigrante da Suíça que apenas pode dar o contributo à equipa a partir desta altura, e se já a época passada se notou a sua entrada na equipa, esta época muito mais se espera da sua influência no rendimento da mesma.

CANOAGEM

O prestigiado atleta do Clube Náutico de Fão, Belmiro Penetra, que recentemente foi submetido a uma intervenção cirúrgica, já se encontra em franco restabelecimento tendo já recommençado os seus treinos.

Esperamos que tudo corra pelo melhor, pois o atleta tem uma grande meta a atingir, que é a sua participação nos Jogos Olímpicos de Barcelona.

★

Quanto ao Posto Náutico, já se en-

contra numa fase de construção bastante adiantada, o que é motivo de satisfação para os dirigentes e atletas desta colectividade, por aquilo que há muito anseiam e de que tanto necessitam, o que leva a crer que haja no próximo verão uma festa para a sua inauguração.

★

O Clube Náutico de Fão inicia a sua temporada participando em duas provas: uma em Vila Nova de Cerveira e um controlo internacional em Melres, no qual irão participar os atletas mais credenciados: Belmiro Penetra, Luís Sousa e Luís Faria.



FALECIMENTO

Temos a registar igualmente a morte de José Domingues da Venda, mais conhecido pelo *Zé da Olaia*. Já ultrapassara o umbral dos oitenta e...

Curiosamente o *Zé da Olaia*, juntamente com o Feliz Gaifém e o Xico Mena eram os heróis do nosso imaginário juvenil. Eram todos lavradores e ao mesmo tempo iam ao mar. Havia ainda outros, todos das Pedreiras: Manuel e Joaquim Pires do Monte, Amândio Gaifém, padrinho Gaspar, etc. Trata-se de uma espécie em vias de extinção. Todos os nomes que citamos já morreram.

Os lavradores das Pedreiras tinham a seu cargo a festa do Senhor de Fão (Comissão das Pedreiras) e de S.to António. O *Zé da Olaia* pertenceu à Irmandade do Bom Jesus e da Santa Casa e integrou essas comissões. Quando mais novo, esteve em França e isso conferia-lhe uma aura de inteligente e mais sabido entre os seus pares. Ele e o Feliz Gaifém tinham uma paciência inaudita para nos aturar.

Enfim uma geração que desaparece. Que descanse em paz. À família os nossos pêsames.

TECIALGO

TINTURARIA E ACABAMENTOS TÊXTEIS

R. SENHORA CAMPANHÃ — 4000 PORTO
TEL. 572829 - 567022 - 572574 — TELEX 23392 — FAX 5100734

Somos possuidores da Melhor Técnica de Serviço a nível Europeu

Possuímos secções equipadas com o que há de mais evoluído

- TINTURARIA DE MALHAS E TECIDOS
- ACABAMENTOS RÁMULAS
- CALANDRAS
- MERCERIZAÇÃO DE MALHA
- COMPACTAÇÃO DE MALHAS
- CARDAÇÃO — MALHAS E TECIDOS
- LAMINAGEM — MALHAS E TECIDOS

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



O MARACUJÁ

(Continuado do número anterior)

Misturadas com a polpa encontram-se inúmeras semente de cor preta, ovais e achatadas, com 5 a 6 mm de comprimento e 3 a 4 mm de largura, de aspecto reticulado, recobertas por pequenas pontuações de tons claros.

O *maracujá amarelo* é uma planta muito semelhante à anterior, afirmando alguns autores ser mais vigorosa. Distingue-se daquela por apresentar nas folhas, ramos e gavinhas, uma pigmentação difusa de coloração vermelha, purpúrea ou rosa; os frutos, são maiores, e de coloração amarelo-canário brilhante e não purpúreos, como no caso anterior; a polpa é algo mais ácida, envolvendo sementes pardo-escuras. O hábito de inflorescência é diferente do maracujá roxo, uma vez que esta forma abre as flores ao meio-dia e fecha-as após as 20 horas. O fruto, tal como na espécie anterior, cai da planta quando maduro.

As flores dos maracujazeiros são hermafroditas, porém auto-estéreis, necessitando, por isso, de polinização cruzada para frutificarem; como regra a polinização é conseguida eficientemente pelos insectos, uma vez que o vento é um péssimo agente polinizador dado o grande peso do pólen destas plantas.

Como atrás se referiu, em virtude da abertura das flores, destas duas formas, se processar de maneira desfasada há pouca possibilidade de cruzamento entre elas.

Logo que as plantas se começam a desenvolver horizontalmente nos suportes

sobre que se firmarão, tem início a floração e a frutificação, o que, em condições favoráveis, ocorre 12 a 14 meses após a sementeira; o período que medeia entre a polinização da flor e a maturação do fruto compreende 60 a 80 dias.

3 — CLIMA E SOLOS MAIS FAVORÁVEIS

O maracujá cresce e produz durante todo o ano, devendo notar-se, contudo, que regiões sujeitas a chuvas intensas e frequentes não se prestam à cultura, uma vez que a polinização será muito difícil, dada a característica do pólen desta planta estourar em contacto com a humidade.

A planta resiste bem à seca, sendo, no entanto, o seu desenvolvimento e frutificação bastante retardada sob estiagens prolongadas.

Os maracujazeiros desenvolvem-se bem numa faixa de temperatura que vai de 21,1 a 32,2°C; perto dos 21,1°C o crescimento do maracujá roxo é muito reduzido em relação ao maracujá amarelo, enquanto a mais de 32,2°C as duas variedades se mostram cloróticas e raquíticas.

Os locais sujeitos a ventos mais fortes que os moderados devem evitar-se pelos prejuízos que causam, não só directamente à planta, prejudicando a brotação nova, como também por dificultarem e onerarem o sistema de condução, o qual sofrerá uma forte pressão devido às ventanias.

A planta cresce e frutifica bem entre os 400 e os 900 metros de altitude; no entanto encontra-se, por vezes, em frutificação mesmo a 3.200 metros acima do nível do mar.

O maracujá não tem grandes exigências quanto ao solo, mas desenvolve-se

melhor se este for profundo, leve, fértil, bem drenado e de pH superior a 5; os terrenos encharcados são, no entanto, impróprios para a cultura.

4 — PROPAGAÇÃO VEGETATIVA

4.1 — MÉTODOS

O maracujá pode ser multiplicado por semente, por fragmentos do caule e por enxertia de fenda cheia.

Optando-se pela propagação por semente (propagação sexual), necessário se torna que sejam de frutos maduros, grandes e sãos. Após a escolha das sementes, remove-se a película gelatinosa que as envolve, podendo, para o efeito, ser friccionadas numa superfície um pouco áspera e devendo, em seguida, ser lavadas e secas à sombra. Aconselha-se, como operação imediata, a desinfecção por via seca (pó) ou via húmida (solução aquosa), pois só assim, se podem controlar as podridões causadas pelos fungos.

A multiplicação por fragmentos do caule (assexuada) somente é de praticar quando se queira manter um tipo bem definido de planta. As estacas devem ter 3 nós e ser colhidas da parte central dos ramos, no período de crescimento activo da planta.

A enxertia aplica-se quando da ocorrência de nemátodos no solo, caso em que se usará a *P. laurifolia* como cavalo, o qual é tolerante a estas pragas. Na Austrália e na África do Sul usa-se a enxertia de *P. edulis* sobre o *P. edulis var. flavicarpa* como método de controlo do «fusarium», uma vez que esta variedade é resistente ao fungo.

(Continua no próximo número)



Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst 

Cap. Soc. 5 000 000 000\$000ams Reg. Com. Sítio n.º 1436

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

40 ANOS DE ARQUITECTURA Um gabinete do Porto

No dia 7 de Fevereiro, pelas 22 horas, na Cooperativa Árvore, inaugurou-se uma exposição com o título em epígrafe e que se refere aos trabalhos desenvolvidos pelos Arquitectos portuenses J. Carlos Loureiro, L. Pádua Ramos e J. Manuel Loureiro.

Esta exposição que estará patente até ao dia 26 de Fevereiro inicia o ciclo de exposições «Arquitecto do Porto» a realizar durante o ano naquela Cooperativa.

BOAS FESTAS

Recebemos ainda de António Torres e esposa, D. Ivone Torres, um amável cartão de Boas-Festas onde se incluíam prosperidades para o nosso jornal.

Gratos pela gentileza.

PARTIDO SOCIALISTA

Em termos políticos o Partido Socialista viveu e vive momentos de certa tensão motivados pela candidatura do dr. António Guterres a opôr-se à de Jorge Sampaio. Em Esposende esse antagonismo dinamizou os socialistas locais com vista à escolha de delegados ao próximo Congresso. Por um lado estavam os adeptos de Jorge Sampaio liderados pelo dr. Juvenal Silva, Presidente da Comissão Política local; do lado oposto estavam os adeptos de Guterres que tinham a anuência do dr. Xavier. Criou-se bastante expectativa quanto ao desfecho da luta. Uns dias antes apareceu o candidato nacional António Guterres. A sala estava cheíssima mas, como o dr. Juvenal revelou àquele deputado, nem todos empunhavam a sua bandeira: ele era um deles.

Verificou-se um empate quanto ao número de delegados — 2x2 — mas o dr. Xavier conseguiu maior número de votos: 39 contra 35.

AMIGOS DO JORNAL

Aníbal Soares que, desde a fundação de «O Novo Fangeiro», mantém um anúncio no nosso jornal, vai agora patrocinar a última página de «O Novo Fangeiro».

Trata-se de um gesto amigo, sim senhor, e sobretudo de uma ultrapassagem de um pouco de crise que o nosso jornal atravessa, dado que muitos assinantes se esquecem de pagar a respectiva assinatura.

AGRADECIMENTO

A família de António Cardoso de Sousa — Tone Celeste — agradece a todas as pessoas que de qualquer modo fizeram sentir a sua presença no funeral e missa de 7.º dia do seu ente querido.

PORTO EDITORA

Por lapso, no último número, referimos que a Porto Editora ofereceu aos alunos das Escolas de Fão livros no valor de duzentos e tal mil escudos, e não duzentos e tal escudos, como saiu no artigo. As nossas desculpas.

«FANUM CAFÉS, LDA.»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º de Matrícula 00471 — N.º de identificação de pessoa colectiva 502 658 851 — N.º de inscrição 1 — N.º e data de apresentação: 10 de 91/12/11

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA que entre JOSÉ MANUEL ALVES DO VALE, solteiro, maior, residente na Rua da Pedra Alta, n.º 8, Fão, Esposende e HENRIQUE JOSÉ DA SILVA LOPES, solteiro, maior, residente na Rua Professora Zulmira Borda, Fão, Esposende, foi constituída a sociedade em epígrafe, que se rege pelo seguinte contrato:

1.º — 1 — A sociedade adopta a firma «FANUM CAFÉS, LDA.».

2 — A sua sede é na Rua dos Bombeiros Voluntários, Bloco 2, da Vila de Fão, do conselho de Esposende.

2.º — A sociedade tem por objecto a indústria hoteleira, nomeadamente cafés, bares e similares.

3.º — O capital social, integralmente rea-

lizado em dinheiro é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas iguais de duzentos mil escudos, pertencendo uma a cada um dos sócios.

4.º — A gerência da sociedade, dispensada de caução e remunerada ou não, conforme for deliberado em Assembleia Geral, pertence a ambos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes, sendo necessário a assinatura de ambos os gerentes para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e representá-la em juízo e fora dele, activa e passivamente, bastando uma só assinatura para o mero expediente.

§ ÚNICO: — Nos poderes de gerência estão incluídos os de comprar, vender, permutar ou alugar veículos automóveis e quaisquer outros bens móveis.

5.º — A cessão de quotas a não sócios carece de prévio consentimento da sociedade e dos sócios não cedentes que, por esta mesma ordem, terão direito de preferência.

6.º — Os lucros líquidos disponíveis, apu-

rados em cada balanço, serão ou não distribuídos, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

Está conforme.

Numeradas de folhas uma a folhas duas.

Conservatória do Registo Comercial de Esposende, 16 de Janeiro de 1992.

A CONSERVADORA DESTACADA,
Maria do Céu Neiva Portela

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.º classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

HISTÓRIA DO INUSUAL

(Continuado da pág. 1)

A defesa da radicação do pudor no sexo feminino despertou em Merejkovski, poeta russo, uma explicação que se não é insólita é pelo menos curiosa. Para este poeta a mulher foi a primeira a sentir a necessidade de ocultar os órgãos sexuais: limitou-se a obedecer ao instinto dos animais que fogem do macho antes do acasalamento. Qual o objectivo profundo deste pudor feminino e universal? Impedir o cruzamento sanguíneo: se o pudor não impedisse a mulher de acasalar com o primeiro macho que encontrasse, escolheria muito naturalmente os seus irmãos.

Em que ficaremos? Sentimento natural ou social? Vamos dar uma espreitadela pelo túnel dos séculos exactamente como fizemos no número anterior. Só que desta vez trata-se dos banhos.

Entre os romanos, existiam banhos públicos e privados. Com o Império, os banhos públicos tornaram-se mistos e com a mistura deflagrou uma certa libertinagem. Com o advento do cristianismo, os costumes dos banhos comprimiram-se e até a ausência do banho tornou-se num dos sinais de santidade. Santa Agnés, mãe do Imperador Henrique IV, dele se absteve toda a vida. Reginhard, bispo de Liège de 1025 a 1037, nunca pôs o pé na banheira. A nossa princesa Joana de Aveiro, irmã de D. João II a quem chamam Santa Joana, usava durante vários meses ou anos a mesma camisa de modo que os piolhos eram à dúzia, que ela suportava por mortificação.

Em contraste nítido, o imperador Carlos Magno tomava frequentes banhos na sua piscina do palácio, que ele compartilhava com os seus amigos e soldados da sua guarda. Diz Jean Bologne, que vimos seguindo, que nesse tempo não havia fatos de banho, mas já o

nosso Oliveira Marques afirma que não senhor, que as pessoas tomavam banhos vestidas. No entanto Bologne fundamenta com textos da época todas as afirmações que faz.

Diz a propósito: «Vestir um fato de banho para tomar banho no rio é coisa considerada extravagante». Tirava-se a roupa para tomar banho nos mares, nos rios e também em plena Paris, nas margens do Sena, repleta de basbaques e comerciantes. Com o Renascimento é portanto com a evolução e o progresso dos costumes, surgem leis a proibir o nudismo, estabelecem-se penas, mas a repetição e a incidência das mesmas leis incentivam-nos a pensar que a legislação não era cumprida. Por vezes fica regulamentado que se confisque a roupa aos que tomavam banho com infracção das leis o que obrigava os prevaricadores a ir para casa como vieram ao mundo.

Entre o Renascimento (séc. XV) e o séc. XVII há um abrandamento nas proibições pelo que se pode dizer que o nudismo selvagem venceu. E no seu XVII

que se usa a camisa para os banhos. E mais adiante, 4-8-1759 Jean-Teodoro da Baviera ordena que todos aqueles, que com desprezo pelos presentes, forem encontrados nus nas ruas ou nas praias das cidades, sejam escorraçados e mandados para casa à chibatada ou à pancada.

Outra coisas: o banho na banheira. Até ao século XVIII as damas vão poder, sem ofender os seus convidados, receber durante o banho. Chegavam a receber cardeais como foi o caso do Cardeal Bernes, embaixador de Luís XV junto da Santa Sé. O preceptor de Maria Antonieta dava audiência no banho aos ministros e aos bispos.

Às vezes turvava-se a água com uma pinta de leite ou de essência. Madame de Chalelet, a sublime Emile que inspirou um grande amor a Voltaire dizia ao criado de quarto que lhe fosse buscar água quente e a pusesse na banheira quando ela se encontrava já lá refestelada.

Com o aparecimento do séc. XIX já estas «liberdades» perdem uso e surgem os compridos fatos de banho e os quartos de banho privados.

ÁFRICA, ADEUS [24]

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

Em Luanda ninguém dormia sossegado, pois existia o receio de se ser surpreendido durante o sono. Assim resolvemos que todas as noites, eu e o Jorge, manteríamos guarda até às duas horas da manhã enquanto os outros dormiam. Depois acordávamos o Machado e o Orlando para estes ficarem de guarda enquanto nós descansávamos.

Nesse espaço de tempo os moradores da Praceta Marquês das Minas dormiam sossegados, pois sabiam que existiam sempre dois homens de guarda.

A ordem do Quartel General chegou. Todos aqueles que quisessem ir lá acima, aos Dembos, teriam que estar prontos segunda-feira às oito horas da manhã no Caxito. De lá uma escolta militar os acompanharia. Essa ordem foi dada sábado, à tarde. Como tal, quase não havia tempo para preparativos, e isso veio trazer certos problemas.

A camioneta do Bom Destino estava na oficina e dada a época festiva da Páscoa, não foi possível terminá-la para fazer a viagem. Carros de aluguer não se arranjavam, pois ninguém queria arriscar a pele. Foi então que nos lembrámos do Oliva Gomes. Este tinha comprado uma camioneta ao Bom Destino e estava a pagá-la com serviços.

Assim, eu e o Fausto fomos falar com o Oliva para o convencer a ir com o carro à Vista Alegre para nele se trazer o que fosse possível.

Em princípio, o Oliva tentou arranjar desculpas para não ir, mas acabou por con-

cordar em fazer a viagem. Domingo de Páscoa, fui com minha esposa e filhos à missa. O padre, durante a cerimónia, pediu a Deus que trouxesse a paz a Angola ao mesmo tempo que pedía por todos aqueles que tinham sido vítimas daquele surto de violência. Olhei para minha esposa e reparei que as lágrimas lhe corriam pelo rosto.

Terminada a cerimónia, regressámos a casa. Eu esforçava-me por não demonstrar fraqueza e procurava parecer alegre, sem preocupações. Pretendia com isso influenciar a família, que gostaria de não ver triste.

O Jorge desta vez estava resolvido a ir também com a carrinha dele. «Será que amanhã não lhe vai doer outra vez a barriga?», perguntei em termos de chacota. «Não!», respondeu o Jorge. «Da outra vez foi aqui a minha mulher que teve essa ideia, mas desta vez vou mesmo».

Na madrugada de segunda-feira, ainda o dia se não fazia anunciar, já nós fazíamos os preparativos para partir. Minhas filhas, ainda adormecidas, eu com todos os cuidados para não as acordar, inclinei-me e beijei-as. Dirigi-me para minha esposa e fitei-a por momentos sem nada dizer. Depois abracei-a e disse-lhe: «Querida, não quero ver-te chorar. A ser assim eu partiria com a tua imagem banhada em lágrimas e não foi assim que sempre te imaginei. Lutei sempre para te ver feliz, para te ver sempre com um sorriso nos lábios. Era assim que gosta-

(Continua na pág. 4)

CORREIOS SÃO NOTÍCIA

Existe desde há alguns anos uma vaga de carteiro para cobrir as zonas do pinhal de Ofir, Pedreiras, Lírios e uma parte de Fão (vila).

Na ausência de um titular, têm os Correios contratado um assalariado. Acontece, porém, que estes assalariados demoram por aqui pouco tempo. Já houve um mês em que estiveram quatro. Foram saindo e substituídos por outros. Está-se a ver o atraso que isto provoca na entrega do correio. É que é preciso um tempo de ensaio para ganhar rotina. E depois... carteiro de Fão que sente as necessidades da terra só há um: é o António e mais nenhum.

Por que não se preenche a vaga do titular com um carteiro efectivo?

★

Já que estamos em tempo de Correios, volta a perfilar-se no horizonte o desaparecimento de carteiros da Central de Fão. É uma ameaça que impende sobre a terra fanguieira. Sobretudo isto pode acontecer logo que o «Tone Carteiro» peça a aposentação. Pensamos que as nossas autoridades estão atentas e irão impedir a concretização de tal ameaça.

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO